

Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português

PAULO COIMBRA GUEDES
JANE MARI DE SOUZA

Ler é produzir sentido; ensinar a ler é contextualizar textos: o leitor atribui ao texto que tem diante de si o sentido que lhe é acessível. Assim, o aluno de 5ª série, que acabou de ler o *Soneto da fidelidade*, chama a professora para expressar sua admiração: gostou muito da comparação do amor com fogo na gasolina: “aqui, ‘sora, posto que é chama”. Cabe ao professor, então, ensinar ao aluno que “posto que” é uma construção da língua escrita que expressa uma relação tal que liga um efeito à sua esquerda com uma causa à sua direita, uma expressão da mesma família do “porque” e do “por causa que” (se essa for a conjunção causal mais acessível no dialeto do aluno). O professor vai dizer que a leitura corrente do poema interpreta “não que seja imortal posto que é chama” como o amor não é imortal porque é como uma chama, que pode se apagar. Vai dizer também que a comparação do amor com fogo na gasolina, o sentido que o aluno construiu com os meios expressivos a que tinha acesso, é uma metáfora muito expressiva a partir da qual ele pode produzir o seu próprio poema a respeito do mesmo tema.

É um direito de cidadania do aluno ter acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua portuguesa para se tornar capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito nessa língua. Ensinar a ler é levar o aluno a reconhecer a necessidade de aprender a ler tudo o que já foi escrito, desde o le-

treiro do ônibus e os nomes das ruas, dos bancos, das casas comerciais, leituras fundamentais para a sua sobrevivência e orientação numa civilização construída a partir da língua escrita; ler o jornal, que vai relacioná-lo minimamente com o mundo lá fora; ler os poemas, que vão dar concretude, qualificar e expandir os limites de seus sentimentos; ler narrativas, que vão organizar sua relação com a complexidade da vida social, ler as leis e os regulamentos que regem a sua cidadania, ler os ensaios que apelam à sua racionalidade e a desenvolvem.

Ensinar a ler é também dar acesso aos meios expressivos necessários para que o aluno leia não apenas os seus contemporâneos, dialogando com eles dentro de um universo comum de questões, problemas e descobertas, mas também os antigos, até os fundadores da língua para que ele possa perceber que a língua portuguesa que lê é produto do trabalho de homens como ele que a tornaram capaz de expressar o que precisaram que ela expressasse.

Desse modo, assim como, numa primeira instância, ensinar a ler é alfabetizar, levar o aluno ao domínio do código escrito, ensinar a ler continua sendo levar o aluno ao domínio de códigos mais elaborados e mais especializados. A quem cabe ensinar o significado corrente de *posto que*? Em princípio, costuma-se atribuir tarefas desse tipo ao professor de português, mas qualquer professor, de qualquer área, é, pelo menos também em princípio, um leitor da língua portuguesa e, como tal, pode fazer uma tal ponte entre o significado construído pelo aluno e o significado corrente da expressão. E o princípio mais saudável para reger essa tarefa é a sabedoria relativa de cada um: vamos combinar que não é feio nem constrangedor ignorar o significado de alguma palavra ou expressão, nem mesmo para os professores de português. Vamos combinar que é muito mais útil para professores e alunos que todos acabem achando natural procurar resolver as próprias dúvidas em dicionários, enciclopédias, manuais, guias ortográficos, dicionários especializados. Vamos combinar que feio e inútil (e muito mais trabalhoso) é estigmatizar a ignorância alheia e esconder a própria.

Vamos combinar também que textos interessantes, como, por exemplo, sonetos de amor, não são exclusividade da aula de português e que o sentido que o professor de ciências, por exemplo, atribuir ao *Soneto da fidelidade* não é pior do que o sentido que lhe atribuir o professor de português, e que a explicação que der aos alunos a respeito do significado de “posto que” vai ser útil, ainda que o professor de português dela discorde ou tenha algo a acrescentar-lhe. Na verdade, o professor de português deve estar aparelhado é para mostrar as diferenças de efeitos de sentido que

podem ser obtidas com o uso de “posto que”, “porque”, “de vez que”, “como”, “por causa que” e outras conjunções forjadas historicamente na língua para expressar relações de causa e efeito.

E a respeito desta manchete de jornal – Queda da bolsa na Coreia derruba pregão em São Paulo (*Zero Hora*, 27 maio 1998) –, certamente o professor de português pode dizer (consultando, se for o caso, o Aurélio junto com seus alunos) que *bolsa*, neste contexto, “é uma instituição destinada a operar em fundos públicos, ações e obrigações de companhias e outros títulos de crédito”. E que *pregão* não é um enorme prego, mas, ainda segundo o Aurélio, “o ato pelo qual os corretores da bolsa anunciam o que vai ser vendido e os lances já oferecidos”. E fazendo isso, o professor de português estará pouco mais do que dando um exemplo da mais adequada atitude a ser tomada diante da dificuldade de entender um enunciado dentro do contexto em que ele se apresentou (muito provavelmente nenhum aluno achou que o jornal tivesse noticiado o fato de que uma bolsa que alguma senhora coreana tenha deixado cair lá em seu país tenha batido com tanta força num prego grande enfiado em algum poste ou parede na cidade de São Paulo a ponto de fazer com que esse prego caísse no chão) porque essas duas definições do dicionário não possibilitam um mais claro e profundo entendimento da frase. Certamente o professor de história (ou o de contabilidade, o de economia ou administração, se for o caso) estará mais habilitado a construir para os alunos o mais adequado contexto para o entendimento da manchete e da notícia.

Do mesmo modo, a contextualização mais adequada para o entendimento de textos sobre cada área do conhecimento vai ser feita pelo professor da respectiva área, e isso não se refere apenas aos termos próprios da ciência em questão, mas também ao valor particular que nesse contexto assumem relações mais gerais de oposição, de causa e efeito, de condição (o que quer mesmo dizer “se” em matemática?) etc. Ensinar a ler é contextualizar o texto e explorar os seus possíveis sentidos; aprofundar a leitura é promover um diálogo da leitura feita pelo aluno com a leitura feita pela tradição, e essas tarefas são de todas as áreas.

A leitura na aula de português

Basicamente, na aula de português se aprende a ler em português, uma língua que não falamos, mas em que, por razões de política cultural, temos de ler e escrever. Então, se ensinar a ler é contextualizar